

n.º 9

Pessoa plural

Pessoa Plural

A Journal of Fernando Pessoa Studies

GUEST EDITORS

Fabrizio Boscaglia
Duarte Drumond Braga

Onésimo Almeida
Paulo de Medeiros
Jeronimo Pizarro

EDITORS-IN-CHIEF

Special Issue:

Oriente e / Orient and
Orientalismo / Orientalism

issn: 2212-4179

Nota editorial

Siglas utilizadas

- BNP/E3 Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 3 [espólio de Fernando Pessoa] (cf. <http://purl.pt/1000/1/>)
- BNP/E16 Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 16 [espólio de João Gaspar Simões]
- CFP Casa Fernando Pessoa / Biblioteca particular de Fernando Pessoa (cf. <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital>)
- MN Espólio Manuela Nogueira
- ANSA-L Arquivo virtual da Geração de *Orpheu*: Espólios Almada Negreiros e Sarah Affonso (cf. <http://modernismo.pt/index.php/arquivos/almada-negreiros-e-sarah-affonso>)

Palavras e frases traduzidas

Neste número especial dedicado a “Oriente e Orientalismo”, a revista *Pessoa Plural* hospeda contributos de autores, investigadores e tradutores que, no seu dia a dia, escrevem e traduzem utilizando línguas e alfabetos diferentes do inglês, do português e do latino; entre eles, vários investigadores da Ásia, que citam títulos e textos nas suas línguas, através dos alfabetos originais. Para facilitar, a eles a produção dos seus textos, e ao leitor a fruição dos seus contributos, optámos para dar a cada autor a possibilidade de utilizar o sistema de tradução/transliteração que achasse mais oportuno.

Número especial *Oriente e Orientalismo*

Introdução

Fabrizio Boscaglia & Duarte Drumond Braga

*If fate throws a knife at you, there are two ways of catching it—by the blade and by the handle.—Oriental.*¹

O presente número monográfico da revista *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies* foi concebido e projetado desde o ano de 2013, entre Portugal e Brasil, países de atuação profissional dos organizadores.² A nossa intenção foi a de oferecer aos estudiosos e leitores a oportunidade de considerar uma vasta e dispersa área da obra de Fernando Pessoa. Esta área corresponde ao âmbito temático que no título do presente número veio a ser denominado como “Oriente/Orient”. Com efeito, várias das geografias que o leitor encontrará neste número especial foram, em dados momentos da história cultural do chamado “Ocidente”, associadas à ideia de “Oriente”: Índia, China, Japão, Pérsia, “Mundo Árabe”. Pertencem, por essa razão, a uma “geografia imaginária” (SAID, 1978) que não deve ser acolhida acriticamente.

A denominação “Oriente” é, de facto, problemática. O que é o Oriente? Uma entidade geográfica, cultural, filosófica, religiosa, antropológica ou... imaginária? As imaginações acerca de um Oriente vago, distante e misterioso têm, sem dúvida, sido muitas. Nesse aspecto, ele tem sido identificado como um *outro* face a um *próprio*. Aliás, o oriental tem sido, ao longo dos séculos da imaginação europeia (e “ocidental”), sobretudo isto: o *Outro*; o Outro de um Ocidente dramático e dramático, perpetuamente em busca de autor.

Foi Edward W. Said quem de forma mais eficaz e influente destacou do magmático pano de fundo da história cultural as coordenadas da representação deste Outro. Desde 1978 – ano de publicação de *Orientalism* – a representação orientalista veio a ser cada vez mais estudada, criticada e ultrapassada, ainda que o

¹ Provérbio transcrito por Fernando Pessoa (Arquivo Manuela Nogueira).

² Gostaríamos de ressaltar que este trabalho foi feito ao abrigo de três projetos sedeados na Universidade de São Paulo, por via de Duarte Drumond Braga. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo apoiou a organização deste número temático no âmbito do Projeto de Pós-Doutoramento nessa instituição (número do processo 2014/00829-8). O presente número temático é também uma publicação do Projeto Temático da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (número de processo 2014/15657-8) e foi realizado ainda em articulação com o trabalho desenvolvido no LIA (Laboratório de Interlocações com a Ásia), também na Universidade de São Paulo. No caso de Fabrizio Boscaglia, a presente investigação foi desenvolvida no âmbito dos trabalhos do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, de que é membro.

seu essencialismo continue atuante. Assim, o orientalismo que Said aponta é um resultado da prática e do pensamento, rigorosamente dicotômicos, das artes e das ciências do Velho Continente, assim como do Novo Mundo imperialista, com vistas a definir, estudar, controlar, dominar (e paradoxalmente transformar) aquele Oriente que é, por definição do próprio orientalismo, estático e fatalista. E ainda fanático, despótico, sensual; enquanto o Ocidente seria moderado, igualitário, racional, ativo. O Oriente seria sedutor; o Ocidente, argumentativo. O Oriente existiria para ser educado e conquistado; o Ocidente, aquele que é educador e conquistador. Este, aqui e agora, *à conquista*; aquele, ali e sempre, *à espera*...

Entretanto, o próprio Said veio a ser criticado por vários autores, como o antropólogo James Clifford (1988), que sustentou que o autor palestino expressaria, paradoxalmente, um olhar essencialista e dicotomizante análogo ao que ele tinha desvelado: ao retratar um Ocidente homogêneo e essencialmente orientalista-colonialista-imperialista, estaria a cristalizar uma ideia genérica e vaga de Ocidente. No entanto, o autor, já em 1978, reconhecia o orientalismo como um jogo de espelhos, pelo qual a Europa, imaginando um Outro, na verdade falava longamente acerca de si mesma.

Numa perspectiva que tente integrar criticamente os frutos de décadas de estudos e debates – abertos pelo livro de 1978, início de um longo processo de crítica cultural –, fala-se também, no século XXI, em “pós-orientalismo” (DABASHI, 2008), uma vez que eventuais binarismos críticos se têm tornado mais esfumados (CLIFFORD, 1988) no âmbito de várias disciplinas das ciências humanas. Serão então, Oriente e Ocidente, não (apenas) protagonistas de um conflito fatal, de uma dinâmica de dominação ou de trauma, mas (também) agentes de um complexo tecido de diálogos, encontros, sobreposições, espelhamentos, (re)conhecimento(s)? Oriente e Ocidente como momentos de um *continuum*? Como modalidades de um *unicum*?

Em outros casos, contudo, fala-se de um “novo orientalismo” (ALMOND, 2007) ao se sondar a demanda eurocêntrica no discurso literário da chamada pós-modernidade. Uma demanda que se manifesta de forma mais sutil e complexa, mas que não deixa de voltar a propor um padrão orientalista. Seja como for, no distanciamento (real ou suposto) da rígida ótica dicotômica, o orientalismo pode ser abordado, para além da questão civilizacional *stricto sensu*, enquanto dispositivo estético, irônico e crítico, num processo que faça *do* e reconheça *no* Oriente uma metáfora e um pretexto literário e/ou filosófico, de forma mais (auto)consciente. Pessoa intuía isto já em 1914 e, discípulo de Wilde, escrevera sobre a *inexistência* do Japão e da Pérsia naquelas *Chronicas Decorativas* – de uma ironia ímpar – que neste número são (re)editadas, constituindo textos fulcrais para a abordagem hermenêutico-metodológica do Oriente e do Orientalismo em Pessoa.

Como vários textos deste número apontam, mas é bom desde logo lembrar, Fernando Pessoa “descobre” alguns dos seus Orientes (a Índia, o “Oriente

Próximo”) quando, muito novo, recebe de Willfrid H. Nicholas, prefeito da Durban High School (onde estudou de 1899 a 1904), alguns livros como parte do Queen Memorial Prize. Pessoa escreve e pensa sobre o Oriente a vida toda, sob várias formas e instâncias. Em Pessoa, o Oriente é um tema múltiplo, transversal e presente e, mais do que um tema, um conjunto de questões estéticas, culturais, antropológicas e filosóficas. Algumas dessas ideias de Oriente que consideramos oportuno sondar em Pessoa são as seguintes: espaço e tema literário não-ideológico, imagem, meta-representação, pretexto (auto)irónico. Como um véu, que ao mesmo tempo esconde e manifesta aquela interrogação colocada no centro da experiência estética do autor-Pessoa: *quem sou eu?* Esta pergunta, dadas as peculiaridades heteronímicas da obra pessoana, também se projeta nos seus leitores.

A questão da identidade é, como se vê, fulcral. Identidade pessoal (eu) mas também e sobretudo civilizacional (nós), já que as duas coisas andam sempre juntas no pensamento daquele que se quis supra-Camões e além-eu(s), para encarar e cumprir a missão de génio literário, português, de língua portuguesa, europeu e *ocidental*. A Grécia seria a mãe; Roma, Cristandade e Inglaterra, as ancilas, isto é, as auxiliadoras; Portugal, o sacrifício mítico para um Quinto Império cuja universalidade incorpora, posteriormente, transcendendo-o e sintetizando-o, um Oriente aparentemente oculto, longínquo e silencioso; na verdade também muito próximo, nos encontros e desencontros da história e da cultura: “Outrora fui talvez, não Boabdil, mas o seu mero último olhar | Da estrada, dado ao deixado vulto de Granada”, escreve Pessoa em 1916 (PESSOA, 1916: 68). A Península Ibérica (outrora al-Andalus), a sua cultura, a Expansão, a literatura e o pensamento portugueses. Ausentes nos estudos de Said,³ são contudo lugares, vetores e perspetivas imprescindíveis para se desenvolver um discurso sobre o Oriente em Pessoa.

No âmbito dos estudos pessoanos, esse discurso não é de hoje. Há alguns textos pioneiros, como o de Seabra (1970), que já nessa data compara algumas posições filosóficas de Pessoa com o Taoísmo, ou de Cuervo-Hewitt (1985), que lê a sua poesia à luz de algumas metafísicas orientais; ou de novo de Seabra (1996) e de Feitosa (1998), ambos abrindo perspectivas em relação às referências árabe e persa em Pessoa. Quando a esta vertente, e já no âmbito da edição do espólio, considere-se o trabalho de edição das *Rubaiyat* ortónimas, a cargo de Maria Aliete Galhoz (cf.

³ O próprio autor declara: “my discussion of that domination and systematic interest does not do justice to [...] the important contributions to Orientalism of Germany, Italy, Russia, Spain and Portugal” (SAID, 1978: 17) [*o meu estudo sobre esse domínio e interesse sistemático não faz justiça [...] às importantes contribuições [ao Orientalismo] da Alemanha, da Itália, da Rússia, da Espanha, de Portugal.* (tradução de Pedro Serra; SAID, 2004: 19)]. Cf. “there are several empires that I do not discuss: the Austro-Hungarian, the Russian, the Ottoman, and the Spanish and Portuguese.” [*há alguns impérios de que não trato: o Austro-Húngaro, o Russo, o Otomano, e o Espanhol e Português* (tradução nossa)] (SAID, 1993: xxv).

PESSOA, 2008). Entretanto, a produção bibliográfica a respeito da relação de Pessoa com o Oriente começa a avolumar-se com artigos, não já comparativos, mas que trabalham com a referência direta, como o de Ángel Crespo (1988), que apresenta o interesse na figura do Buda como prova da natureza religiosa da obra pessoana, o que se complementa com trabalhos mais recentes como os de Pinto (2000) e Cardillo (2010), os dois seguindo o viés comparatista, e o de Lopo (2013), trabalhando com a referência textual direta ao Budismo. Isto mostra que, curiosamente, a presença e/ou a relação do Budismo em Pessoa é das vertentes mais exploradas; e não apenas o Zen que, de Janeira (1977) até Zhou Miao (2013), tem sido um fertilíssimo campo de *per se*. Mas é só o século XXI que surgem os trabalhos de maior fôlego, e com outras perspectivas, como os ensaios de Paulo Borges (2011) e ainda, no campo das teses, propostas a partir da questão do orientalismo, como a de Braga (2014) e a de Boscaglia (2015), sobre a questão islâmica.

Longe de esgotar as facetas orientais ou orientalistas de Pessoa, o presente número de *Pessoa Plural* é apresentado à comunidade científica e aos demais leitores como um conjunto de trabalhos que, cada um na sua vertente específica, contribui para o avanço dos estudos pessoanos, sugerindo desde logo a problemática categoria “Oriente” como uma das questões mais fecundas que a obra e o pensamento de Pessoa propõem ao estudioso, como no artigo que abre o dossiê; até porque, como se entrevê em vários destes contributos, o Oriente deixa várias vezes, em Pessoa, de ser o Outro para se tornar (de forma irónica, oculta, crítica) no Próprio ou numa maneira assumida de este pensar a si mesmo.

Quanto aos conteúdos do presente volume, as vertentes que mais foram exploradas, nos estudos e documentos, são a literária, a místico-religiosa e a cultural-civilizacional. Especial atenção foi dada ao levantamento e à edição de materiais do espólio e da biblioteca particular de Pessoa, alguns dos quais abrem perspectivas de investigação ainda por percorrer. Quanto ao muito e riquíssimo material disperso, já publicado e que estava à espera de receber um enquadramento crítico de referência, uma proposta neste sentido é oferecida, logo no primeiro contributo do *issue*, por Duarte Drumond Braga, cujo texto abre a primeira secção, a de artigos. O seu roteiro da Índia fernandina procura à partida um posicionamento metodológico que, salvaguardando a complexidade de Pessoa, intenta restituir uma perspetiva crítica e hermenêutica eficaz para orientar o leitor na navegação pelos Orientes orto e heteronímicos.

Numa perspetiva crítica, Fabrizio Boscaglia também propõe um mapa da questão islâmica, árabe e persa em Pessoa, ao mesmo tempo um roteiro mas também uma vasta síntese. Destaca-se aqui a presença do Islão e da cultura islâmica, não apenas entre os temas pessoanos, mas também como elementos hermenêuticos funcionais do pensamento de Pessoa. A questão de o Islão – em

Pessoa – ser o Outro oriental ou, antes, algo inerente ao Próprio europeu é das mais críticas e desafiantes.

Já na perspectiva da Filosofia das Religiões, Paulo Borges oferece um estudo que sonda e desvela as proximidades e diferenças entre o Budismo Zen e o pensamento daquele heterónimo que – apesar de ser supostamente o mais enraizado na mentalidade grega antiga, que o Ocidente assume como uma das suas raízes identitárias – foi várias vezes considerado o mais “oriental” pela crítica: Alberto Caeiro.

A segunda parte do número, que nesta revista é sempre dedicada à edição de documentos dos arquivos pessoais, dá continuidade a uma iniciativa que, há anos, teve no próprio Paulo Borges, na qualidade de diretor da revista *Cultura Entre Culturas*, um dos seus primeiros impulsionadores, juntamente com Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello. Em 2011, estes três investigadores publicaram, no n.º 3 da mencionada revista, um dossiê de documentos do espólio e da biblioteca particular de Pessoa, intitulado “Os Orientes de Fernando Pessoa”. Graças à disponibilização desse caderno pela direção da revista e pelos referidos autores, que muito agradecemos, esse material foi aqui reeditado por Antonio Cardiello, com uma adenda, a integrar novos documentos e inéditos. Trata-se de um contributo cuja riqueza material e textual informa acerca do surpreendente leque de possibilidades de investigação que as culturas asiáticas oferecem, nos arquivos e na escrita de Pessoa.

Após a edição das já referidas *Chronicas Decorativas*, por Fabrizio Boscaglia, os tesouros “orientais” do espólio de Pessoa mostram-se novamente em toda a sua riqueza no terceiro contributo da secção “Documentos”, no qual Carlos Pittella-Leite e Patricio Ferrari apresentam uma edição de vinte-e-um *haikai* autógrafos de Pessoa, em português e inglês, dezassete deles inéditos, introduzidos por um esclarecedor e rigoroso enquadramento biobibliográfico e filológico.

Fecham esta segunda secção dois apontamentos manuscritos de Pessoa, dedicados ao Hinduismo e à Teosofia, ou Sociedade Teosófica, editados por Pedro Teixeira da Mota. Este estudioso, ao enquadrar os dois textos no percurso intelectual, espiritual e de leituras de Pessoa, chama à atenção do leitor a íntima ligação entre temas orientais, ocultistas e espirituais na obra do escritor português.

A terceira e última parte do número, como é tradição de *Pessoa Plural*, é dedicada às resenhas. Salvo a última, em que Annie Gisele Fernandes trata do livro *Fernando Pessoa, Entre Almas e Estrelas* (2013), do pesquisador nipo-brasileiro Haquira Osakabe – recentemente falecido e que desta maneira se homenageia –, as restantes são dedicadas à apresentação e à apreciação panorâmica das traduções da obra de Fernando Pessoa em quatro países: a Índia (por Rita Ray), a Turquia (por Hakan Atay), a China (por Cristina Zhou) e o Japão (por Kazufumi Watanabe). Trata-se de testemunhos e contributos preciosíssimos, que nos permitem perceber como o escritor português tem vindo a ser conhecido e reconhecido por alguns dos

territórios sobre os quais escreveu, deixando esse “Outro” falar pela sua própria voz.

Aliás, a publicação da obra de Alberto Caeiro na China em 2013 foi um dos acontecimentos que nos despertou para a ideia de realizar este número temático, estimulando a nossa curiosidade sobre o vasto panorama das edições pessoais na Ásia; panorama que aqui não se pretende esgotar, mas apenas começar a contemplar, em toda a sua riqueza. Por exemplo, ainda que não tenha sido possível hospedar neste volume um contributo de Hanmin Kim, tradutor coreano que está presentemente a organizar uma antologia poética de Pessoa, a sua tradução, em 2014, das *‘Prosas Escolhidas de Pessoa’* (페소 아 와 페소 아들) foi outro evento que estimulou a nossa curiosidade e impulsionou a presente iniciativa.

Seria aliás interessante, numa futura ocasião, traçar um mapa cronológico e topográfico das traduções da obra pessoal para línguas asiáticas, do Norte de África e do “Oriente Próximo”. Existem, por exemplo, países como o Irão, em que nos últimos onze anos novas traduções dos livros de Pessoa têm aparecido com uma interessante frequência e principalmente no que respeita à prosa, com duas edições do *Livro do Desassossego* (2005 e 2015). Agradecemos aqui aqueles que, como o investigador iraniano Amir Farrokh Payam, nos têm facultado estas informações e desejamos que haja uma próxima ocasião de colaboração para aprofundar estes interessantes fenómenos literários e editoriais.

Queremos, sobretudo, agradecer sentidamente a todos aqueles que nos ajudaram a realizar este trabalho. Uma palavra especial de reconhecimento vai para Jerónimo Pizarro, pela paciente, incansável e amável colaboração, bem como para Onésimo Teotónio de Almeida e Paulo de Medeiros, *co-editors in chief* da *Pessoa Plural*, pelo convite que os três nos fizeram para sermos editores convidados deste número. Reconhecemos ainda o papel desempenhado por Carlos Pittella-Leite, que muito generosamente se ofereceu para nos apoiar em várias fases e tarefas editoriais. Não gostaríamos de esquecer a contribuição de Rui Lopo, amigo, além de companheiro de viagem numa primeira fase destas rotas orientais pessoais, quando em 1 de março de 2013 foi realizada a iniciativa que deu impulso inicial para a realização desta: o seminário “Fernando Pessoa e o Oriente”, no Museu do Oriente de Lisboa (Fundação Oriente), organizado pelos Centros de Filosofia e de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Esse evento teve a organização a cargo de Fabrizio Boscaglia, Duarte Drumond Braga e Rui Lopo. Diga-se ainda que, por razões alheias à nossa vontade, a prevista contribuição deste autor sobre Budismo em Pessoa não se pôde realizar. Contudo, a sua investigação neste campo é reconhecida ao longo do dossiê.

O nosso agradecimento vai também para aqueles que ajudaram nas fases de recolha de materiais, transcrição e revisão, nomeadamente José Blanco, Patricio Ferrari, José Correia, José Barreto, Jorge Uribe, Kaitlin Beall e Pauly Ellen Bothe; a todos os autores que, com entrega, seriedade e disponibilidade, puseram ao serviço

deste projeto o seu talento, os seus estudos e os seus contributos; e finalmente aos leitores, cujo olhar, sentir e pensar se tornam, a partir de agora, em navios que poderão levar as nossas intenções para aquela “Índia nova, que não existe no espaço”. E para além dela.

Lisboa e São Paulo, 31 de maio de 2016,

Fabrizio Boscaglia & Duarte Drumond Braga

Bibliografia

- ALMOND, Ian (2007). *The New Orientalists: postmodern representations of Islam from Foucault to Baudrillard*. London: I. B. Tauris
- BORGES, Paulo (2011). *O Teatro da Vacuidade ou a Impossibilidade de Ser Eu: estudos e ensaios pessoais*. Lisboa: Verbo.
- BRAGA, Duarte Drumond (2014). “Ao oriente do Oriente: transformações do orientalismo em poesia portuguesa do século XX. Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro e Álvaro de Campos”. Tese de Doutoramento em Estudos Comparatistas. Universidade de Lisboa.
- BOSCAGLIA, Fabrizio (2015). “A presença árabe-islâmica em Fernando Pessoa”. Tese de Doutoramento em Filosofia. Universidade de Lisboa.
- CARDIELLO, Antonio (2010). “Abismo y Nada Absoluto: confluencias budistas en el pensamiento de Fernando Pessoa e Nishida Kitaro”, in *El Pensar Poético de Fernando Pessoa*. Pablo Javier Pérez López e Fernando Calderon Quindós (comp.). Morata de Tajuña: Manuscritos, pp. 75-118.
- CLIFFORD, James (1988). “On Orientalism”, in *The Predicament of Culture*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- CRESPO, Ángel (1988). “Dos obras dramáticas de Fernando Pessoa”, in *HPoesia*, n.º 56-57, pp. 7-15.
- CUERVO-HEWITT, Julia (1985). “No limiar da realidade: estética e metafísica oriental na poesia de Fernando Pessoa”, in *Actas do IIº Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, pp. 279-293.
- DABASHI, Hamid (2008). *Post-Orientalism: knowledge and power in time of terror*. Piscataway: Transaction.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel (1998). *Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Ruba’iyat na poesia portuguesa do século XX*. São Paulo: Giordano.
- JANEIRA, Armando Martins (1977). “Zen nella Poesia di Pessoa”, in *Quaderni Portoghesi*, n.º 1, pp. 95-116.
- LOPO, Rui (2013). “Presenças do Budismo na Obra em Prosa de Fernando Pessoa”, in *Nietzsche, Pessoa e Freud. Colóquio Internacional*. Paulo Borges, Nuno Ribeiro e Cláudia Souza (orgs.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 157-172.
- OSAKABE, Haqira (2013). *Fernando Pessoa: entre almas e estrelas*. São Paulo: Iluminuras.
- PESSOA, Fernando (2015). کتاب دلواپسی [Livro do Desassossego]. Tradução de Jahed Jahanshahi. 2ª edição. Tehran: Negah.
- _____ (2014). 페소 아 와 페소 아들 [Pessoa e Pessoas: Prosas Escolhidas de Fernando Pessoa]. Tradução de Hanmin Kim. Seul: Workroom.
- _____ (2013). 阿尔伯特·卡埃罗 [Alberto Caeiro (Poesia e Prosa)]. Tradução de Min Xuefei. Pequim: Shangwu.
- _____ (2008). *Rubaiyat*. Edição crítica de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ (2005). کتاب دلواپسی [Livro do Desassossego]. Tradução de Jahed Jahanshahi. 1ª edição. Tehran: Negah.
- _____ (1916). “Passos da Cruz: catorze sonetos de Fernando Pessoa”, in *Centauro: Revista trimestral de literatura*, n.º 1, pp. 63-76.
- _____ (1914). “Chronicas decorativas: I”, in *O Raio*, n.º 12, pp. 7-8.
- PINTO, Gustavo Shogyo (2000). “Shinshu and the Poetry of Fernando Pessoa”, in *Shin Buddhist*, n.º 5, março [Comunicação apresentada na *European Branch Conference da Association of Shin Buddhist Studies*. Oxford: Wadham College].

- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2011). "Os Orientes de Fernando Pessoa", in *Cultura Entre Culturas*, n.º 3, pp. 148-185.
- SAID, Edward W. (2004). *Orientalismo: representações ocidentais do Oriente*. Tradução de Pedro Serra. Lisboa: Cotovia.
- ____ (1993). *Culture and Imperialism*. London: Vintage.
- ____ (1978). *Orientalism*. New York: Pantheon.
- SEABRA, José Augusto (1996) "Fernando Pessoa, Al-Mutamid et le sébastianisme", in *O Coração do Texto / Le Coeur du texte: novos ensaios pessoanos*. Prefácio de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Cosmos, pp. 209-214.
- ____ (1970). "Novo ângulo de abordagem da obra do genial 'fingidor': Fernando Pessoa, contradição e lógica poética", in *Diário de Lisboa*, suplemento literário, 14 de maio e 21 de maio.
- ZHOU MIAO, Cristina (2013). "Repensar a Qualidade Zen de Alberto Caeiro", in *Cadernos de Literatura Comparada*, n.º 28, pp. 79-89.